

25-4-67. 10 stencils 800 cópias.



C. N. B. B.

SECRETARIADO NACIONAL DOS SEMINÁRIOS

Rio de Janeiro, maio de 1967

Comunicado nº 9

A P R E S E N T A Ç Ã O

Este número do Comunicado do Secretariado Nacional de Seminários é dedicado especialmente à divulgação de duas palestras feitas por Mons. Garrone, quando de sua visita ao Brasil.

Mons. Gabriel Marie Garrone é o Pró-Prefeito da Sagrada Congregação dos Seminários e Universidades. Em novembro de 1966 esteve em viagem pela América do Sul e, nos dias 25 e 26, manteve no Rio dois encontros, respectivamente com um grupo de Bispos e com um grupo de Reitores de Seminários, ambos na Nunciatura.

É o resumo dessas duas palestras que divulgamos nesse Comunicado nº 9. Essas notas foram enviadas a Mons. Garrone, em Roma, que as reviu pessoalmente. Daí serem publicadas com um pouco de atraso.

Essas palestras constituem um documento de grande importância para todos os que trabalham em Seminários, pois representam o pensamento de um homem que, por sua larga experiência no trato de problemas ligados a Seminários e por sua visão ampla, foi colocado por Sua Santidade o Papa Paulo VI à frente da Congregação dos Seminários.

Não gostaríamos de privar aos Sacerdotes que não estavam presentes, e que labutam neste campo de tanta importância para a Igreja de hoje e de amanhã, de um contato vivo com a palavra segura e otimista de Mons. Garrone. Para os Exmos. Srs. Bispos, esses textos foram publicados no Comunicado Mensal nº 2, de 1967.

Pe. Carlos Alberto Navarro
Sub-Secretário Nacional de Seminários

FOL
250
C. 748 do
no. 21

Faint, illegible text at the top of the page, possibly a header or title.

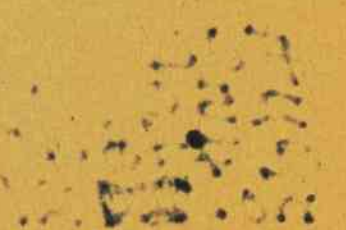
Second block of faint, illegible text, appearing as several lines of a paragraph.

Third block of faint, illegible text, continuing the narrative or list.

Fourth block of faint, illegible text, showing some structural elements like a list or sub-sections.

Fifth block of faint, illegible text, possibly a concluding paragraph or a separate section.

Sixth block of faint, illegible text, appearing as a few lines at the bottom of the main body.



Exposição de Mons. Garrone a um grupo de Bispos, na Nunciatura, a 25 de novembro de 1966, sobre o problema da atualização dos Seminários no espírito do Concílio .

I - A norma básica conciliar se encontra no número 1 do Decreto "Optatum Te - tius". Dentro dessa orientação, a Sagrada Congregação dos Seminários colabora com as Conferências Episcopais. Não dará regulamentos para Seminários; mais tarde, porém, dará normas e princípios para as Conferências agirem e critérios segundo os quais as Conferências organizarão a sua "Ratio Institutionis"; esta será submetida à aprovação da Santa Sé.

II - Distinguir os objetivos do Seminário e os meios para atingi-los. Os objetivos não são objeto de discussão ou diálogo, mas de aceitação e de fé. Os meios sim, podem discutir-se e variar segundo os tempos e os lugares, de acôrdo com a eficiência para atingir o fim.

III - No esforço de atualização, podem ser feitas experiências, mas sob três condições :

- 1) como aplicação do Decreto Conciliar e não fora de suas normas e contra elas.
- 2) só as Conferências têm competência para experiências que alterem a estrutura (a "Ratio Institutionis") dos Seminários; nenhum Bispo, pelas normas conciliares, terá o direito de fazê-las sem o consenso ao menos tácito da Conferência. A fortiori, os Superiores e Reitores são totalmente incompetentes para promover tais experiências.
- 3) tratando-se de experiências, fazê-las com humildade e discrição, sem apresentá-las como solução ou exemplo para outros. Pela mesma razão, não são lícitas experiências que apresentem o cunho de irreversibilidade.

IV - Quatro pontos principais a serem considerados na atualização dos Seminários :

- 1) impõe-se com prioridade uma imediata revitalização do ensino (temas e métodos), mantendo-se ainda temporariamente a estrutura tradicional (primeiro Filosofia e depois Teologia). Toda linha de experiência deve ser escolhida levando em conta dois pontos fundamentais: - por que a Igreja quer o estudo da Filosofia na formação dos seminaristas; e - qual a linha de formação filosófica que a Igreja exige ?
- 2) unidade do ensino da Teologia. Incutir o gosto pela Sagrada Escritura. Os Seminários devem reencontrar aquela unidade de formação que havia na Idade Média, centrada na Escritura. Reencontrar, atendendo às condições científicas de nosso tempo.

1890

... ..
... ..
... ..

... ..
... ..
... ..
... ..

... ..
... ..
... ..

... ..

... ..
... ..

... ..
... ..
... ..
... ..
... ..

... ..
... ..
... ..

... ..

... ..

... ..
... ..
... ..

... ..
... ..

... ..

... ..
... ..

... ..
... ..

3) Formação ativa - mas em que sentido ? A prática pastoral durante o Seminário é menos importante. Devemos dar a Pastoral sobretudo na própria força interior do ensino e da formação. O perigo e defeito da atualização neste ponto está em fazê-la a partir de práticas exteriores, sem a orientação interior.

4) Formação espiritual verdadeira - vida interior. Encontrar os meios adequados a nosso tempo. Este o ponto mais difícil de uma reestruturação dos Seminários: é não tanto condenar e abolir os meios tradicionais de formação mas procurar meios eficazes que poderão substituí-los na consecução do fim almejado.

Após esta exposição, Mons. Garrone, dialogando com os presentes, esclareceu mais alguns pontos :

1) sobre o diálogo: é necessário encontrar meios de ouvir os seminaristas para perceber-lhes a mentalidade, muito diferente da nossa. O ambiente em que eles estão crescendo é muito diverso daquele em que fomos formados. Mas aqui também, distinguir: os escopos a atingir, a finalidade do Seminário, não é campo de diálogo, mas de aceitação e de fé. Discutir este ponto é errado e inútil. Os Superiores não podem aceitar diálogo sobre os fins do Seminário. Quanto aos meios, sim; devem aceitar a colaboração dos seminaristas que, vivendo os seus problemas, podem sugerir medidas aptas à melhoria de sua formação. Este diálogo significa ouvir para ponderar. Seria erradíssimo aceitar tudo o que os alunos querem. Frequentemente eles têm desejos verdadeiros, mas expressões falsas; ao educador compete esclarecer e corrigir.

2) Como agir com os Superiores de Seminário que, em nome do diálogo se recusam a exigir o que talvez não agrade aos alunos ? Devemos ter a coragem de exigir dos educadores o que eles devem fazer. Se eles não quiserem, ou não forem capazes de exigir e orientar os alunos, mas preferirem seguí-los, despedir tais superiores antes que seja tarde.

3) Finalidade do Seminário: está no Decreto Conciliar: Seminário Menor (nº 3) - cultivar os germes da vocação; Seminário Maior (nº 4) - formar verdadeiros pastores de almas. Portanto, toda a estrutura dos Seminários deve proporcionar o clima propício a tal desenvolvimento e formação.

4) Quanto ao silêncio: os jovens de hoje não aceitam o silêncio pelo silêncio. Inculcar a necessidade do silêncio para a vida interior e prática da caridade.

5) Quanto à obediência: é uma virtude necessária. Mas para conseguí-la, hoje, é necessário motivá-la.

6) Quanto à reestruturação do Seminário em pequenas comunidades separadas: é uma interpretação do Decreto Conciliar sobre a qual a Congregação não assume a responsabilidade. Compete às Conferências Episcopais e não a cada Bispo em particular resolver sobre a oportunidade de tal tipo de experiência.

1. The first part of the document is a letter from the Secretary of the State to the President, dated 18th March 1847. It contains a report on the progress of the negotiations with the Government of Mexico, and a request for the President's approval of the proposed terms of a treaty.

2. The second part of the document is a copy of the letter from the President to the Secretary of the State, dated 20th March 1847. It expresses the President's approval of the proposed terms of the treaty, and his confidence in the Secretary's management of the negotiations.

3. The third part of the document is a copy of the letter from the Secretary of the State to the President, dated 22nd March 1847. It contains a report on the progress of the negotiations, and a request for the President's approval of the proposed terms of a treaty.

4. The fourth part of the document is a copy of the letter from the President to the Secretary of the State, dated 24th March 1847. It expresses the President's approval of the proposed terms of the treaty, and his confidence in the Secretary's management of the negotiations.

5. The fifth part of the document is a copy of the letter from the Secretary of the State to the President, dated 26th March 1847. It contains a report on the progress of the negotiations, and a request for the President's approval of the proposed terms of a treaty.

6. The sixth part of the document is a copy of the letter from the President to the Secretary of the State, dated 28th March 1847. It expresses the President's approval of the proposed terms of the treaty, and his confidence in the Secretary's management of the negotiations.

7. The seventh part of the document is a copy of the letter from the Secretary of the State to the President, dated 30th March 1847. It contains a report on the progress of the negotiations, and a request for the President's approval of the proposed terms of a treaty.

8. The eighth part of the document is a copy of the letter from the President to the Secretary of the State, dated 31st March 1847. It expresses the President's approval of the proposed terms of the treaty, and his confidence in the Secretary's management of the negotiations.

9. The ninth part of the document is a copy of the letter from the Secretary of the State to the President, dated 1st April 1847. It contains a report on the progress of the negotiations, and a request for the President's approval of the proposed terms of a treaty.

A meu ver, esta experiência exige a presença de padre de raros dotes e apresenta uma dispersão de forças.

É verdade que o Cardeal Suenens está fazendo tal experiência; que talvez possa dar bom resultado lá, onde há muito clero e se pode colocar um padre a dirigir e formar cada comunidade, e, além disso, uma equipe para manter a unidade de formação das várias comunidades.

7) Quanto ao trabalho manual: não se vê - no período letivo - como conciliar uma sólida e profunda formação intelectual e espiritual com as preocupações e responsabilidades de um emprego. Haveria capacidade ou resistência psíquica para fazer bem, simultaneamente, as duas coisas? No período de férias, haveria mais possibilidade para a sua realização.

Encontro dos Reitores de Seminários ,
com o Pró-Prefeito da Sagrada Congregação, no Rio de Janeiro.

Dia 26 de novembro, às 8 horas, abriu-se o dia de Encontro dos Reitores de Seminários Maiores do Brasil com Mons. Garrone. O dia iniciou-se com a Concelebração da Santa Missa por Mons. Garrone e todos os Reitores representantes de cada Seminário Maior.

Na homilia, Mons. Garrone usou da palavra dirigindo-se a todos os presentes, preparando o espírito dos participantes para que a reunião se desenvolvesse num clima tranquilo, alegre e profícuo. As idéias centrais da homilia foram:

- 1) comunidade - um espírito de união fraterna e confiança entre superiores e alunos, num relacionamento simples e profundo;
- 2) educadores - uma idéia bastante frisada por Mons. Garrone foi a de que o Superior deve ser educador, isto é, aquele que ajuda o indivíduo a evoluir em seus valores.

Após a Concelebração, houve o café matinal, servido no Seminário, e as devidas apresentações dos elementos presentes. Em seguida, todos se dirigiram à Nunciatura, onde se realizou o encontro propriamente dito.

Inicialmente, Mons. Garrone disse-nos de sua alegria em visitar o Brasil e ter contato direto com vários Bispos e Reitores de Seminários, podendo assim, mais diretamente, conhecer a realidade brasileira e seus problemas. Lembrou o fato de que também ele fôra Reitor, e por isto saber, por experiência própria, da beleza e importância deste cargo.

A segunda razão que apontou para a importância desta sua visita, foi o fato de estarmos vivendo um momento decisivo para a vida dos Seminários no mundo.

1870-1871

June 1st, 1871

Dear Mother
I received your letter of the 28th and was glad to hear from you. I am well and hope these few lines will find you the same.

I have not much news to write at present. I am still in the same place and doing the same work. I hope to hear from you soon.

I am, Mother, your affectionate son,
John Doe

P.S. I have not time to write you more at present. I will write again when I have more news.

I am, Mother, your affectionate son,
John Doe

I am, Mother, your affectionate son,
John Doe

I am, Mother, your affectionate son,
John Doe

I am, Mother, your affectionate son,
John Doe

I am, Mother, your affectionate son,
John Doe

I am, Mother, your affectionate son,
John Doe

Disse-nos êle :

"Quero dizer como está a questão do ponto de vista de Roma.

Antes de tudo, é preciso ficar bem claro que mudou a posição da Congregação depois do Concílio Vaticano II.

A questão dos seminários é de primeira ordem na vida profunda da Igreja: sua organização, regime e instituição.

É um fato de suma importância ter sido o decreto "Optatum Totius" feito em condições não previstas. Em condições únicas. Ele foi aceito em princípio, sem encontrar objeções, como encontraram outros decretos. Isto é importante porque indica que continha, em si, a mente do Concílio e dos Padres.

É um decreto novo e de algum modo revolucionário. Suas orientações não tiveram discordâncias. Como, por exemplo, o primeiro artigo no qual se muda a relação da Congregação com as Dioceses, que foi aprovado por unanimidade plena.

O documento "Optatum Totius" exprime o pensamento da Igreja sobre a formação dos padres para os nossos dias, conforme a exigência da época. É preciso dedicar-se à descoberta de novos caminhos e novos meios de educação, a fim de que os padres de hoje sejam padres de nosso tempo e não de ontem.

Este é o espírito da Igreja, iluminada pelo Espírito Santo; é este, pois, o espírito que deve existir em cada um daqueles que se dedica à preparação dos que servirão ao povo de Deus, amanhã.

O decreto "Optatum Totius" tem uma importância vital na Igreja de amanhã. Queria ressaltar quais os princípios e conseqüências básicas do decreto:

Princípio fundamental da Congregação: o decreto requer e exige a renovação e o "aggiornamento" do seminário. É um decreto para todos os seminários - isto é claro.

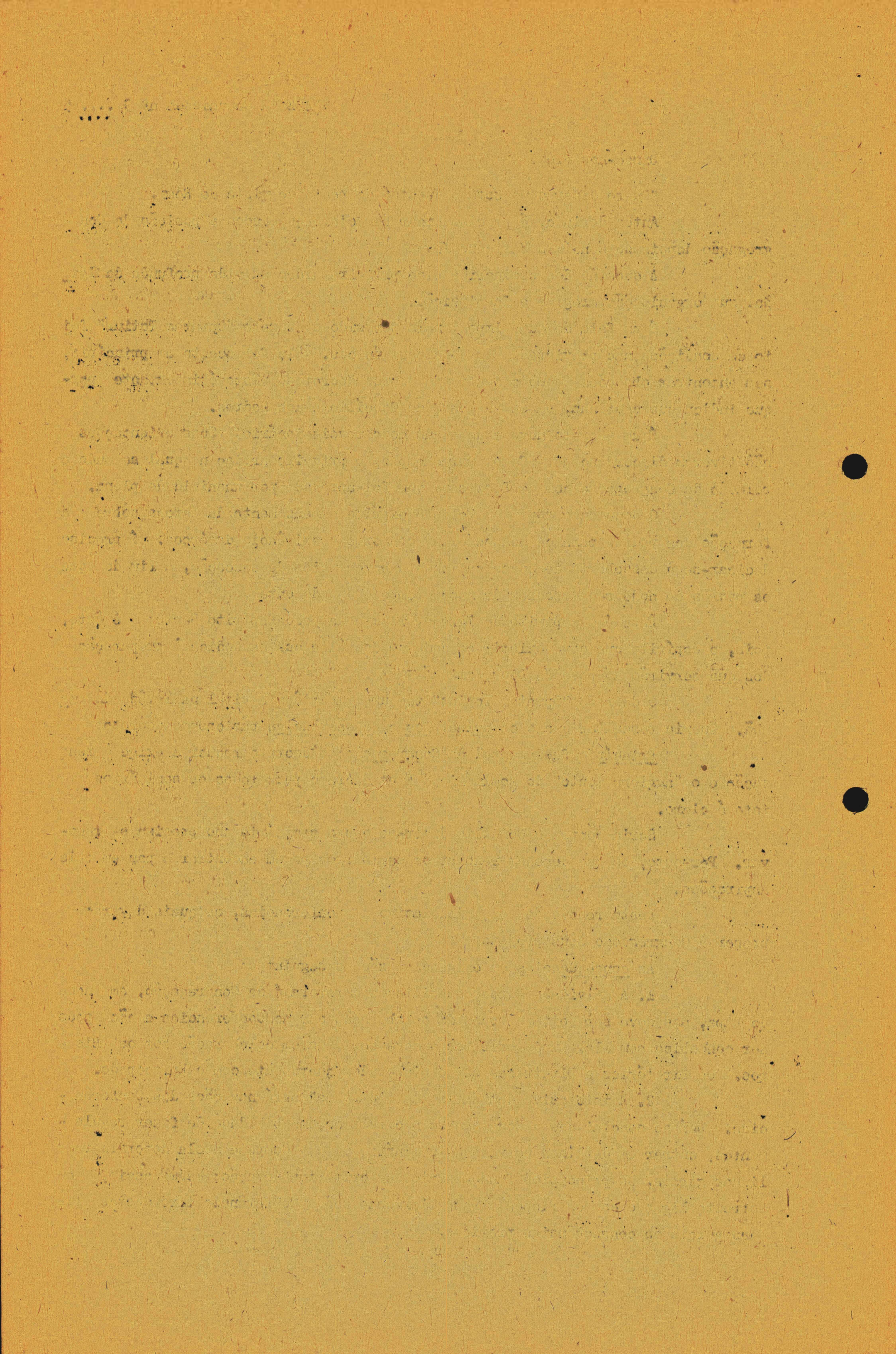
Seria contra o Concílio dizer-se que o seminário não precisa se renovar. Portanto, os que desejam renovar os seminários podem encontrar a paz em tais aspirações.

Desta renovação têm a iniciativa as Conferências, as quais deverão propor à Congregação seus projetos.

As conseqüências ou exigências são as seguintes:

1. A atividade e responsabilidade diretora é da Congregação, em nome do Papa, mas deve ser feita na base da colaboração com as Conferências e não pode ser concebida sem ela. Toda orientação deve ser dada em colaboração com os Bispos. Os Diretórios e Diretrizes serão elaborados juntamente com o Episcopado.

2. A iniciativa da "Ratio Institutionis" está nas mãos das Conferências. Daí se conclui que a Congregação não tem responsabilidade de fazer regulamentos, entrar em detalhes na vida do seminário, etc. Compete a ela determinar as linhas gerais, os princípios fundamentais, os critérios de ação; mesmo assim, em estreita ligação com os Bispos. Posteriormente, cada Conferência tire destas linhas gerais as conseqüências práticas.



A Congregação pretende publicar uma "Ratio", mas não será um regulamento e sim uma série de princípios, tirados das experiências das várias Conferências Episcopais. Neste momento de decisões práticas, não cabe à Congregação fazer isto. Não é seu dever.

O dever da Congregação é ajudar as Conferências com a difusão dos princípios, ajudar os Bispos a procurarem novos caminhos, como fizemos, por exemplo, nas duas cartas enviadas este ano pela Congregação (*). Cada país, depois, de acordo com suas exigências particulares, tire as decisões práticas, pois estas não competem à Congregação, mas às Conferências.

A Congregação, porém, quer estar sempre informada das experiências práticas que se fazem no seio de cada Conferência. Creio mesmo que uma Conferência Nacional não precisaria descer a detalhes e determinações muito particularizadas.

Repetindo:

1. A Congregação respeita que a iniciativa da procura seja das Conferências. Não vai dar normas detalhadas. Aceita e respeita o plano feito por cada país.

2. A futura orientação a ser dada pela Congregação estará baseada na colaboração estreita com as Conferências.

3. A linha da Congregação não é a de entrar em detalhes na vida do seminário, mas a procura de princípios comuns, tendo antes ouvido os Srs. Bispos e Reitores. Portanto, evitar perguntas como "pode ou não pode", coisas muito práticas, etc. Tudo isto é muito prematuro. Não esperem da Congregação tais respostas, mas sim uma ajuda aos Bispos para encontrar as soluções.

A Congregação, no momento, não tem direito nem o dever de dar normas e decisões: apenas ajudar a procurar. Nas aludidas cartas que enviamos ao Episcopado de todo mundo, pedimos apenas que, ao fazerem seus projetos, não o façam de modo definitivo.

No momento, são quatro os pontos principais que preocupam esta Congregação:

1. O que significa ou como entender a inserção da filosofia na formação do futuro padre;

2. Como achar o modo de estruturação do ensino da teologia que faça a unidade da mesma; isto é, que nos facilite ver como esse estudo é útil para o aprofundamento da fé e como facilita a comunicação da mesma ao povo de Deus.

3. Necessidade de refletir sobre os princípios de integração dos jovens no trabalho da própria formação, sua participação ativa na mesma - algo que seja real e verdadeiro.

4. Iniciação dos jovens na vida interior, centralizada na presença constante de Deus. Muitos valores essenciais não são cultivados no seminário. E aqui não se trata tanto de mudar a mentalidade dos jovens, mas a nossa.

(*) - Nota do SNASEM - essas duas cartas a que se refere Mons. Garrone foram publicadas em nosso Comunicado nº 7.

Faint, illegible text at the top of the page, possibly a header or introductory paragraph.

Second block of faint, illegible text, appearing to be a continuation of the document's content.

Third block of faint, illegible text, showing further progression of the document's text.

Fourth block of faint, illegible text, containing more of the document's content.

Fifth block of faint, illegible text, continuing the document's narrative or information.

Sixth block of faint, illegible text at the bottom of the page, possibly a concluding paragraph.

O processo educativo exige muito, não só da juventude, mas também uma mudança de mentalidade dos superiores. Nós, no passado, vivíamos demais num ambiente de "facilidades". Concretamente, estas novas exigências obrigam os superiores a uma renovação de suas idéias sobre a obediência e a autoridade.

Por exemplo, o silêncio e a obediência, como eram entendidos ontem, serviam para a formação do futuro padre. Hoje não são mais possíveis, como antigamente se exigia. Temos que achar novas expressões. O silêncio facilitava o trabalho para nós; era uma ajuda para a ordem externa. Era mais uma comodidade para os superiores. Bastava saber que todos estavam em seus lugares e que a casa estava em ordem e em silêncio. Hoje temos que refazer nossos conceitos sobre esse ponto. As dificuldades que o jovem encontra neste campo são providenciais, neste sentido.

A obediência, também, era um caminho mais fácil para o educando, que só tinha que seguir as indicações, sem assumi-las profundamente. Jovens assim formados nunca poderão descobrir, pessoalmente, o que a Igreja deseja deles.

O problema da renovação da obediência é antes de tudo um problema de renovação da autoridade.

Aí estão os quatro pontos principais para serem estudados.

O método para elaborarmos a nossa orientação será feito nas seguintes fases:

1. As Conferências farão uma reflexão sob dois níveis: a) sob o nível dos Reitores; b) sob o nível dos encarregados da Conferência Nacional. Depois enviarão para Roma o seu projeto.

2. Cada país receberá tudo aquilo que foi refletido nas demais Conferências de todo o mundo, para um enriquecimento geral.

3. A Congregação dos Seminários tomará todos os projetos apresentados e verá quais são os princípios e linhas fundamentais, respeitando as orientações particulares.

O trabalho feito desta maneira, na base da colaboração, será difícil mas o resultado disto será o pensamento da própria Igreja e não de determinados peritos ou nações.

As indicações que daremos mais tarde não serão para limitar, mas para permitir o trabalho com segurança. Procuraremos dar uma orientação simples e honesta do pensamento do Concílio, que é bem claro.

Se formos fiéis, nada teremos a temer. Ninguém deve recear algo que venha de Roma, como que imposto, pois todos terão colaborado para achar as linhas mestras desta orientação.

O mesmo trabalho será feito para a renovação das Universidades.

Permitam-me agora voltar aos quatro pontos, anteriormente assinalados, para fazer algumas considerações sobre cada um.

1. O problema da filosofia é uma questão difícil em si e, também, porque não foram ainda colocadas as questões preliminares. Nossa intenção não é discutir as conclusões últimas, mas sim procurar as premissas, resumidas em duas questões. Depois, todo o resto será fácil, simples consequência, como, por exemplo, saber se devemos estudar um ou dois anos de filosofia, etc.

a) Por que uma formação filosófica é necessária para o futuro padre? Quais as razões? Esta questão ainda não foi colocada; é difícil. Não se resume numa só palavra. Toca problemas graves. É claro que os jovens precisam de filosofia, para verem como a visão cristã do mundo se opõe à de outras ideologias, para penetrar o mistério, transmitir a fé, etc.

b) A Igreja sempre pediu que esta formação filosófica se faça em determinada linha. É certo que algumas linhas não são adequadas. Mas como defini-la? Dizer, apenas, que é Santo Tomás não basta; sabemos que ele não é exclusivo. É verdade que, desde Leão XIII, a Igreja tem insistido na importância da doutrina deste Doutor. Não podemos, simplesmente, citar textos pontifícios, mas situar estes documentos no ambiente e na problemática histórica da época, por exemplo, "Aeterni Patris" de Leão XIII. Mas não devemos afirmar nem pouco nem muito; nem dizer que tudo se resume em Santo Tomás, nem dar plena liberdade.

Se estas duas questões preliminares ficarem claras, todo o resto será consequência lógica, mesmo que sua aplicação possa e deva ter diferenças.

2. Quanto à teologia, podemos dizer que os jovens têm o direito de não estarem contentes com o modo como a teologia é dada. É verdade que a Escritura e a Liturgia têm tido grande progresso neste sentido. Mas, apesar disso, os jovens têm o direito de se perguntar de como isto está a serviço de sua fé, de como tudo isto é meio para entender e amar a Palavra de Deus e ajudar a sua comunicação.

Uma parte considerável de seu pedido é de que todo o ensino seja mais pastoral.

O ensino da teologia deve ter tal estruturação que seja um instrumento apto para penetrar mais na Palavra de Deus e facilitar a comunicação.

Deus deu aos jovens tudo o que é necessário para a Igreja do futuro, por isso vemos como os seminaristas se sentem atraídos pela Palavra de Deus e encontram nela a sua alegria.

Assim, numa aula de dogma, eles devem ver claramente como aquele ensinamento os leva a penetrar na Palavra. O mesmo se diga de outras matérias até mesmo da aula de Direito Canônico. É necessário, portanto, uma redefinição das matérias em relação à Escritura. Por exemplo, o ensino da Moral e da Escritura, ou é feito em profunda interpenetração ou nada se obtém.

Aliás, o Pe. Benoît está trabalhando na preparação de um Diretorio sobre a Teologia Bíblica que a Congregação colocará à disposição das Conferências, uma vez pronto.

First main paragraph of text, starting with a faint opening word.

Second main paragraph of text, continuing the narrative.

Third main paragraph of text, showing a shift in the subject.

Fourth main paragraph of text, providing further details.

Fifth main paragraph of text, concluding the page's content.

Em suma, todos os estudos devem girar ao redor de uma temática bíblica.

3. Trata-se de considerarmos a inserção e contribuição, concreta e ativa, dos alunos na própria formação. Está claro no Decreto que assim deve ser feito. Aqui também há dois pontos a notar:

a) Os jovens são a expressão do mundo de hoje; devemos aceitá-los e ouvi-los. Eles têm o direito de expressão. Dão algo do mundo de hoje que não temos. No fundo são ótimos. Temos a necessidade de rever muitas coisas que vivemos até hoje. É preciso deixar a eles a possibilidade de se exprimir e isto, é claro, exige de nós uma ascese.

b) Há superiores que permitem e aceitam que os jovens se expressem, mas tomam as coisas como os alunos as vêem. Isto também é falso. Devemos tomar suas aspirações como um princípio de trabalho, mas saber que lhes foge a expressão. Devemos ouvi-los, mas só o educador sabe formular.

Por exemplo: se um jovem chega ao seu Superior e diz: "quero liberdade", seria fraqueza ou preguiça de pensar dar exatamente o que ele pede. Uma tal atitude está totalmente errada e indigna de um educador, que tem o dever de distinguir entre os fins e os meios para atingir estes fins. O superior deve dialogar com ele para descobrir o que ele entende por esta necessidade verdadeira que sente. Diria o Superior: "Está bem, você quer liberdade, mas vamos ver o que você entende por isto".

O seminário é uma comunidade e os educadores devem pensar em determinar o bem comum de cada um desta comunidade, e reconhecer que os jovens não são capazes, sempre, de pensar nesta perspectiva. Somos nós os encarregados de formar e não simplesmente de deixar-nos levar por eles.

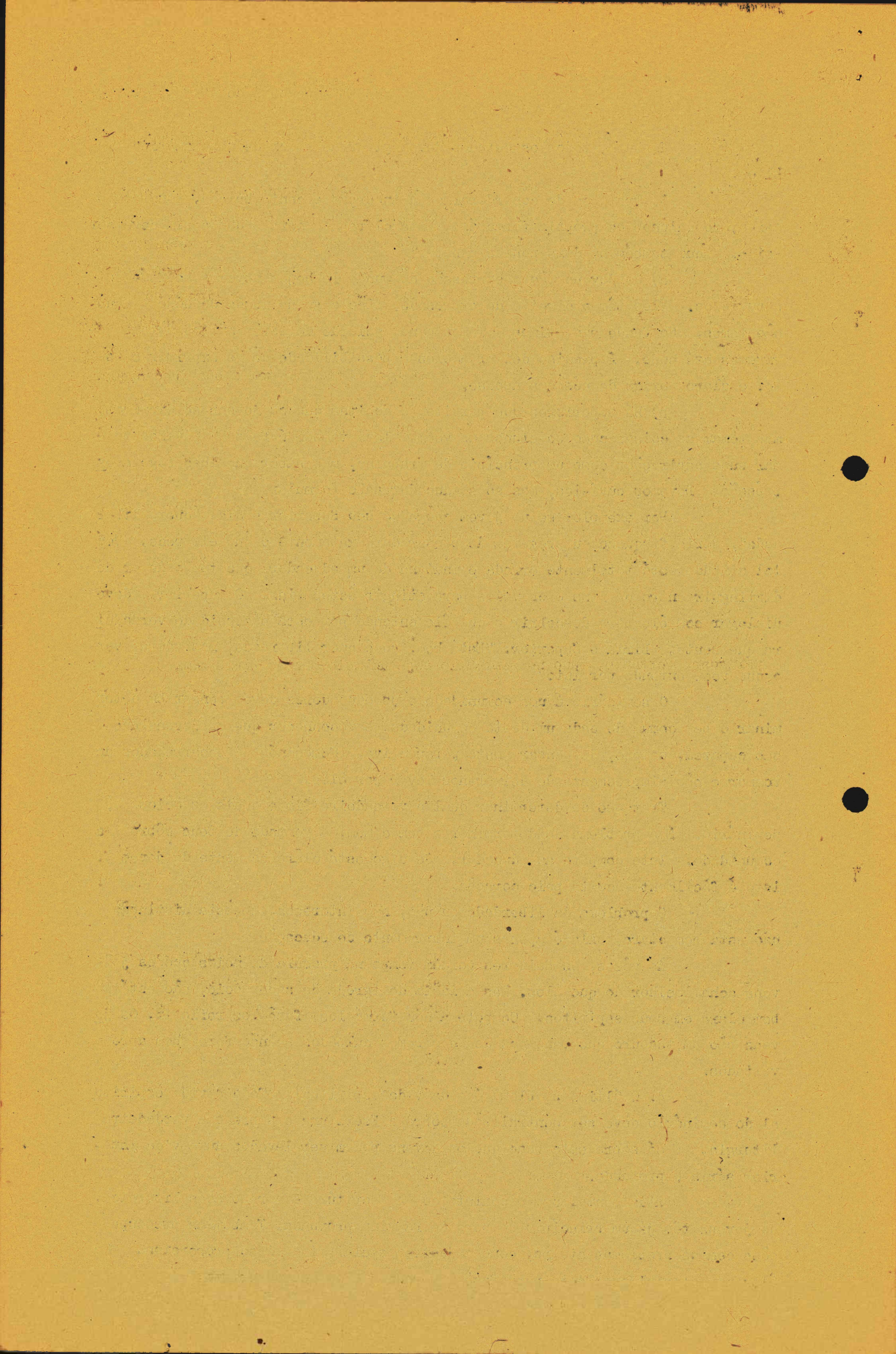
Trata-se de determinar qual o verdadeiro fim e quais os meios do seminário. É o problema de determinar o bem comum, a vontade de Deus sobre a comunidade. Isto compete ao educador. Se algo está claro na mente do jovem, isto é facilmente aceito pelo coração.

O problema da liberdade ou não, não interessa, se esta distinção não está bem clara. Ela é apenas um instrumento de educação.

Às vezes, os Reitores perdem tempo na procura de meios que os jovens acham melhor do que eles. Mas a idéia da Igreja de sacerdócio, não está bem clara em seus espíritos. Compete a nós formá-los, fazê-los refletir. Os jovens são um tesouro que Deus nos deu e seremos culpados se não forem bem aproveitados.

4. O último problema é o da vida espiritual. Toda a vida espiritual do seminário deve ser centralizada sobre a Escritura e sobre uma verdadeira liturgia. É só sobre esta base que os jovens podem ser levados a uma vida interior séria e profunda.

Atualmente, com o contato com a Escritura e a renovação litúrgica, os jovens têm já um princípio de verdadeira vida profunda. Também as preocupações com os problemas atuais, como a justiça social, tudo isso proporciona a eles um material excelente para fazê-los padres à imagem de Cristo.



Há porém, alguns aspectos que hoje apresentam dificuldades, como por exemplo, o do silêncio e o da obediência. Sobre isso, já dissemos algo antes. O fato é que abusamos muito desses meios, esquecidos de que são apenas meios. Obediência e silêncio são elementos indispensáveis na formação dos jovens. Como apresentar esses elementos de formação de maneira a inspirar uma autêntica obediência e um verdadeiro silêncio? Por isso, devemos mostrar estes aspectos fundamentais solidamente como exigências do amor ligado ao serviço. Se o jovem, depois de muitos anos de vida em silêncio, não descobriu o gosto de manter contato com Deus, estar diante de Cristo, nós não o formamos. Da mesma maneira, se não entendeu que na Igreja cada um tem a sua função, que, em determinados momentos, um superior pode determinar a linha do nosso trabalho, nós não o formamos. Afinal, isto é que é o essencial. O seminário não é uma casa onde se aprende a falar latim!

Daí o grande esforço do educador em colocar bem à luz qual seja a vontade de Deus e o bem da comunidade; qual a vontade de Deus sobre eles para o serviço do Seu Reino. Sua tarefa é descobrir isto e fazer com que eles o vejam também. Daí o escrúpulo que devem ter em nada pedir, nada propor, que não seja para o jovem um meio para este escopo. Sobretudo, não devemos esconder-nos atrás de ordens e prescrições, porém mostrar a obediência como um meio indispensável para a comunicação da fé. É fácil dar ordens, mas é também perigoso. Portanto, tudo no seminário seja um meio para o bem comum, que fizemos descobrir. É preciso fazer ver como uma coisa é pedida. É verdade que nem sempre isto será possível. Mas, se existe esta forma de autoridade, pouco a pouco o jovem descobre a via da obediência e a necessidade da autoridade. E assim, os jovens de amanhã serão muito mais obedientes que os de hoje.

(Aqui Mons. Garrone nos citou o testemunho do Pe. Voillaume, dos Irmãozinhos do Pe. de Foucauld: "Antigamente seus noviços eram muito mais obedientes, mas depois de dez anos de vida religiosa, começavam a encontrar dificuldades na obediência. Hoje, porém, os primeiros tempos no noviciado são muito difíceis quanto a este ponto, mas ele sente que os religiosos vão progredindo, cada vez mais, na obediência").

Finalmente, devo dizer que as dificuldades que encontramos hoje são indicação de que devemos rever nossa mentalidade, achar novos caminhos. Antigamente, talvez, tenha sido mais fácil a formação, mas, às vezes ela não foi verdadeira. No mundo atual, os jovens estão diante de vários problemas, sem recursos, pois não têm capacidade de silêncio interior. Antes de tudo é preciso que vejamos as coisas na sua verdade. Isso interessa mais do que descobrir se vamos dar uma hora de silêncio ou um ou dois anos de filosofia.

Meu último pedido é que procuremos ser fiéis à linha da Igreja e fiéis à realidade. Sendo assim, nada devemos temer e todo o nosso trabalho resultará no bem da Igreja".

